O SÃO PAULO
Edição 18
16 de julho de 2025

Corredores ecológicos e verdes: bons para a fauna, a flora e o ser humano

*Daniel Gomes**

Daniel Reis/SVMA

Em todo o mundo, muitas cidades convivem com o dilema de como preservar e aumentar a biodiversidade da fauna e flora local em meio à crescente expansão urbana.

Essa preocupação também é expressa pelo Papa Francisco na encíclica *Laudato si'*: "As estradas, os novos cultivos, as reservas, as barragens e outras construções vão tomando posse dos *habitats* e, por vezes, fragmentam-nos de tal maneira que as populações de animais já não podem migrar nem mover-se livremente, pelo que algumas espécies correm o risco de extinção. Existem alternativas que, pelo menos, mitigam o impacto destas obras, como a criação de corredores biológicos" (LS 35).

Em linhas gerais, os corredores biológicos, também chamados de corredores ecológicos, interligam diferentes áreas fragmentadas de um ecossistema, ajudando a recuperar parte das características de sua vegetação original e proporcionando o melhor deslocamento da fauna.

Os corredores na capital paulista

Em São Paulo, o Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica, de 2017, mapeou três corredores ecológicos deste bioma – Sul, Leste e Norte. Além disso, a Prefeitura tem realizado a instalação de corredores verdes – previstos no Plano Municipal de Áreas Protegidas, Áreas Verdes e Espaços Livres (Planpavel), de 2022 – para conectar parques, praças e espaços livres vegetados em áreas públicas ou privadas.

"Um corredor verde permite conectar fragmentos de mata, e olhamos mais para as conexões que são possíveis entre parques e praças. Já os corredores ecológicos no município de São Paulo têm uma função mais voltada aos remanescentes da Mata Atlântica", explicou ao ***O SÃO PAULO*** Rosélia Mikie Ikeda, coordenadora de Planejamento Ambiental da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente (SVMA).

Como começa um corredor verde?

Conforme detalha o Planpavel, os corredores verdes são pensados "a partir do plantio de espécies de porte arbóreo, visando à ligação entre o mosaico de áreas verdes que compõem a paisagem", também considerando "aspectos como a diversidade das formas de vida vegetal e dos elementos da infraestrutura urbana", a fim de "garantir a conexão e seu uso pela fauna silvestre".

Áreas próximas a linhões de energia, trilhos de trem e metrô, ciclovias, calçadas e canteiros de avenidas e ruas são locais mais fáceis para a instalação desse corredores, também pelo fato de serem terrenos de posse do poder público, o que facilita os trâmites burocráticos.

A coordenadora de Planejamento Ambiental da SVMA destacou que é fundamental que haja engajamento da população para que se instale um corredor, como ocorreu com o Corredor Verde do Butantã (foto acima). Também disse que a Secretaria tem firmado termos de cooperação com as subprefeituras para realizar as pequenas intervenções necessárias, além de fornecer as mudas e a orientação técnica para a implantação dos corredores.

O desafio de mantê-los

Rosélia comentou que a falta de uma legislação específica para os corredores ecológicos e verdes é uma preocupação, pois o Planpavel se trata de uma resolução do Conselho Municipal do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Cades), sobre a qual outras leis se sobrepõem em casos de judicialização, além de estar suscetível à descontinuidade em uma eventual troca da gestão municipal.

Outros aspectos desafiadores, segundo Rosélia, são o de fazer com que as pessoas visualizem que a junção de praça, viário, parques e canteiros, ainda que pareçam desconexos, forma um corredor verde; e de que também entendam que a fauna silvestre precisa de tempo para se acostumar ao uso dos corredores: "Quando foi feito o trecho Sul do Rodoanel, por exemplo, houve o corte de fragmentos da Mata Atlântica e foram construídas várias passagens subterrâneas, túneis para a fauna passar. Somente depois de 10 anos, 15 anos, a fauna começou a utilizá-las".

Ela destacou algumas estratégias que estão sendo adotadas pela SVMA como os "Caminhos Reservados à Fauna" nos três corredores ecológicos de Mata Atlântica, para que neles se mantenha uma faixa mínima de 100 metros de largura para o trânsito seguro da fauna; além da criação de parques municipais que sejam parte dos corredores verdes.

Inúmeros benefícios

Com a fauna transitando de modo mais seguro pelos corredores, também o processo de polinização das áreas verdes é favorecido.

"A maioria das plantas depende dos agentes polinizadores para sua reprodução sexuada. A dispersão de sementes, especialmente a realizada pelos animais, determina a diversidade, abundância e distribuição espacial de bancos de sementes favoráveis à construção da comunidade de plantas", lê-se no Planpavel.

"A fauna silvestre têm uma função importantíssima na cidade, pois é ela quem faz com que toda a floresta e todo o bioma sobrevivam. Além disso, ajuda a mata a se regenerar sozinha e, assim, o poder público gastará menos recursos para manter as florestas", detalhou Rosélia.

"Entre os outros benefícios dos corredores verdes está o de manter a boa qualidade do ar e de temperatura. E há toda uma questão psicológica também: você andar por um caminho de beleza cênica acaba por impactá-lo psicologicamente", assegurou a coordenadora de Planejamento Ambiental da SVMA, destacando, ainda, que os corredores verdes podem servir de estímulo para que as pessoas caminhem mais pela cidade, conheçam melhor as áreas verdes e se engajem em preservá-las.

Nas páginas seguintes deste *Caderno Laudato si' - Por uma Ecologia Integral*, além do Corredor Verde do Butantã, são abordados os *cases* do "Corredor Ecológico Corinthiano" e dos corredores nas cidades de Medellín (Colômbia), Guadalajara (México) e Mumbai (Índia).

Essas experiências concretizam um dos apelos de Francisco na *Laudato si'*: "Visto que todas as criaturas estão interligadas, deve ser reconhecido com carinho e admiração o valor de cada uma, e todos nós, seres criados, precisamos uns dos outros. Cada território detém uma parte de responsabilidade no cuidado desta família, pelo que deve fazer um inventário cuidadoso das espécies que alberga a fim de desenvolver programas e estratégias de proteção" (LS 42).

* Jornalista e redator-chefe do ***O SÃO PAULO***

No Butantã, uma proposta ambiental para renovar a paisagem urbana

*Jenniffer Silva**

Corredor iniciado em 2023 busca conectar áreas verdes, melhorar a qualidade de vida da população e nela despertar maior conscientização ambiental

Fotos: Daniel Reis/SVMA

Um caminho verde começou a ser construído há dois anos na zona Oeste de São Paulo. O Corredor Verde do Butantã, que liga a Cidade Universitária ao Parque da Previdência, deu à região uma nova dimensão de preservação ambiental e busca transformar a cidade em um espaço melhor para se respirar e mais acessível e habitável a todos os seres vivos.

A ideia surgiu após a participação de moradores e voluntários do bairro em uma capacitação promovida pela Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente (SVMA).

O projeto começou a ser concretizado em julho de 2023, por meio de uma parceria entre a SVMA, a Subprefeitura do Butantã e o coletivo Corredor Ecológico Urbano Butantã, com o plantio inicial de 16 mudas de espécies como carobinha, cereja-do-rio-grande, grumixama, oiti, babosa-branca, manacá-da-serra, ipê-branco e chuva-de-ouro.

Um espaço vivo e diverso

Em entrevista ao **O SÃO PAULO**, Bruno Rodrigues, um dos fundadores do coletivo que encabeça a iniciativa, explicou que o objetivo do corredor vai além de criar uma faixa de vegetação: o que se busca é um espaço vivo de convivência e permanência para pessoas, animais, plantas e micro-organismos.

"O corredor almeja acolher tanto seres humanos quanto não humanos – vegetais, animais, fungos e até bactérias. Todos os reinos dos seres vivos, de alguma forma, são beneficiados por esse lugar de passagem, mas também de estadia, de sombra, de tranquilidade", disse Bruno.

Ele também ressaltou a preocupação com a qualidade urbana da região, com calçadas largas, acessíveis e sombreadas, equipadas com rampas e afastadas das vias, garantindo mais segurança e conforto para todos: "Sonhamos com calçadas nas quais uma cadeira de rodas possa passar com tranquilidade. Árvores, vegetação e bancos para descanso são parte dessa cidade mais humana que queremos construir."

Mobilização e educação ambiental

O projeto é ancorado na mobilização dos moradores e de voluntários engajados em pautas ambientais, vindos de diferentes regiões da cidade. Chamados de "dindos", eles cuidam do plantio, da preservação e, sobretudo, do desafio de sensibilizar a população sobre a importância da presença e manutenção correta das árvores nas calçadas.

Como o corredor ainda está em fase inicial, as árvores são jovens e de pequeno porte. Bruno compartilhou à reportagem que o ideal é que o corredor se estabeleça no solo, em uma faixa gramada com árvores plantadas próximas à sarjeta, criando uma área contínua e permeável, modelo já visto em bairros como o Jardim Europa.

"A verdade é que quanto mais árvores, mais segurança. Elas se protegem mutuamente. As raízes se entrelaçam, os troncos se apoiam, e o vento perde força entre elas. Árvores isoladas são mais vulneráveis, como tudo que está sozinho na cidade."

Segundo ele, é preciso parar de pensar a arborização como exceção ou elemento decorativo e enxergá-la como parte da infraestrutura essencial da cidade, ao lado do asfalto e da rede de esgoto: "A cidade do futuro precisa ser um grande bosque urbano."

Pertencimento

Élio Gilberto Bueno de Camargo, 82, é aposentado, fundador do coletivo e conselheiro do Conselho Regional de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Butantã (Cades Butantã). À reportagem, ele recordou as transformações da região ao longo das últimas cinco décadas: "Quase não sobra mais área sem residência. E junto com essa transformação, veio o corte de árvores."

Segundo ele, um dos propósitos do projeto é ampliar o envolvimento da comunidade local, pois, muitas vezes, pessoas de fora realizam atividades nas áreas verdes, enquanto os moradores ao redor não participam: "O desafio não é só entender, mas se envolver."

O coletivo mapeou cerca de 20 atividades possíveis nas áreas verdes como hortas, compostagem e oficinas, e pretende apresentá-las à vizinhança, apoiando quem quiser se engajar.

Apesar das dificuldades, Élio celebrou os vínculos estabelecidos ao longo de dois anos de projeto: "Criamos laços com moradores de outras áreas por onde o corredor passa. A gente vai até lá, eles vêm até aqui. A ligação ecológica virou uma ligação entre pessoas. A cada muda plantada, é colocada uma plaquinha com o nome da árvore e de quem se comprometeu a cuidar dela, fortalecendo o senso de pertencimento."

Uma cidade mais viva e integrada

Renato Fernandes Araújo, morador do Butantã e voluntário do projeto, reforça a importância da conexão entre as áreas verdes já existentes na região, como a USP, o Instituto Butantan e o Parque da Previdência: "Essa necessidade de conexão entre áreas naturais já é conhecida, e o corredor representa exatamente essa solução."

Ele também lembra que São Paulo já foi famosa por seus bairros-jardins, modelo que hoje tornou-se esquecido. Renato defende que as áreas verdes não sejam privilégio de bairros nobres: "Os novos bairros e os bairros populares também precisam de árvores e jardins. As áreas verdes ajudam na infiltração da água, reduzem enchentes e recuperam nascentes. Isso é vida, é qualidade de vida."

Renato frisou que os voluntários que aderiram ao projeto demonstram preocupação com a preservação do espaço: "Se alguém quebra uma muda, já há o cuidado de repô-la. O benefício imediato é a beleza. O verde encanta, muda a paisagem. Algumas espécies florescem rápido; logo aparecem flores e frutos. É muito bonito ver isso acontecer".

Para o futuro, o coletivo planeja estender o Corredor Verde para a Rodovia Raposo Tavares, conectando o Butantã a municípios vizinhos, como Taboão da Serra e Cotia.

* Jornalista e repórter especial do ***O SÃO PAULO***

‘Corredor Ecológico Corinthiano’: o amor em ‘preto e branco’ entra em campo em prol do meio ambiente

*Roseane Welter**

Primeiro mutirão da iniciativa, em junho, reuniu mais de 500 pessoas para o plantio de 220 mudas; proposta é plantar mil árvores até o fim do ano no entorno da Neo Química Arena

Fotos: Luciney Martins/**O SÃO PAULO**

Sete das dez regiões menos arborizadas da cidade de São Paulo estão na zona Leste. Apesar de abrigar um terço da população da capital paulista – aproximadamente 4 milhões de pessoas –, a região concentra apenas 11% das áreas verdes do município, segundo levantamento da agência *Fiquem Sabendo*.

Um dos símbolos dessa paisagem árida é o entorno da Neo Química Arena, o estádio do Sport Club Corinthians Paulista, no bairro de Itaquera: cimento por todos os lados, estacionamentos, um *shopping center* e quase nenhuma árvore.

Esse cenário, porém, tende a ser diferente em breve: unindo futebol, meio ambiente e cidadania, torcedores do Corinthians, coletivos sociais e movimentos populares lançaram o “Corredor Ecológico Corinthiano” (CEC), projeto de reflorestamento urbano que visa a arborizar o trecho de dois quilômetros entre as estações Artur Alvim e Corinthians-Itaquera da Linha 3 - Vermelha do Metrô, começando pela Praça do Elefantinho e ladeando os lados Sul e Norte da arena.

Impactos ambientais e sociais

A primeira ação, realizada em junho, mobilizou mais de 500 pessoas e resultou no plantio de mais de 220 mudas. Sob a coordenação da Coalizão pelo Clima, a iniciativa tem como meta o plantio de mil árvores até o final do ano, com novos mutirões agendados para agosto, outubro e novembro, intercalados com mutirões de manejo – ações de cuidado para com o solo e com as mudas já plantadas.

As espécies escolhidas incluem árvores nativas da Mata Atlântica, frutíferas e medicinais – todas apropriadas ao bioma da região e com função estratégica na recuperação do solo, criação de sombra, melhoria da umidade do ar e aumento da biodiversidade.

As mudas foram doadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), coletivos sociais e pela Prefeitura de São Paulo.

“Mais do que plantar árvores, estamos promovendo recuperação de solo, educação ambiental e envolvimento popular. É um projeto técnico e afetivo ao mesmo tempo”, explicou o engenheiro florestal Clodoaldo Barnabé Cajado, membro da Coalizão pelo Clima.

Além do impacto ambiental, o “Corredor Ecológico Corinthiano” propõe uma transformação no sentido de pertencimento da comunidade local. “É um bairro marcado por vulnerabilidade e violência. Quando as pessoas plantam, elas passam a se sentir donas do lugar, passam a dele cuidar. É uma forma de romper com a hostilidade da cidade e criar espaços mais humanos”, afirmou.

A expectativa dos organizadores é que, em poucos anos, a região se transforme em uma faixa verde viva, educativa e acolhedora, com espaços de encontro e lazer para a população.

“A cena no mutirão fala por si: pais, mães, crianças e avós – todos com a mão na terra, plantando e contribuindo com a preservação ambiental. Foi um processo coletivo, popular e bonito. Quem sabia plantar ensinou quem estava ali pela primeira vez. Era uma escola a céu aberto”, relatou Clodoaldo.

Resposta a um pedido do Papa Francisco

Árvores nativas e espécies apropriadas ao bioma da região estão sendo plantadas em pontos estratégicos, criando uma faixa de vegetação contínua que será benéfica tanto ao meio ambiente quanto à saúde e ao bem-estar da população.

“Mais do que reflorestar, a iniciativa pretende semear consciência. Ao envolver torcedores em ações práticas de cuidado com a natureza, o projeto transforma a paixão pelo clube em força mobilizadora para causas coletivas”, destacou Deyvid Leite, do coletivo Democracia Corinthiana e um dos articuladores do projeto.

A insatisfação com a violência na região também motivou a ação. “Um dos episódios marcantes recentes foi o assassinato de uma jovem em Itaquera. O plantio precisa andar junto com o debate sobre segurança pública. O Corinthians pode ser um aliado estratégico nesse diálogo”, ressaltou Deyvid.

“O Papa Francisco nos pediu para cuidar da criação. Essa ação é uma resposta concreta. Daqui a cinco anos, vamos olhar para Itaquera e enxergar algo transformador, que começou com a torcida colocando a mão na terra, plantando mudas de esperança e qualidade de vida para o planeta, a cidade e os habitantes”, afirmou Deyvid, revelando o desejo de ampliar o alcance das discussões sobre sustentabilidade e inspirar outras torcidas a iniciativas semelhantes.

‘A nossa torcida também planta esperança’

Juliana da Silva Costa é ativista ambiental e corintiana: “Como torcedora, faço isso com o coração. A gente luta pelo meio ambiente como um direito humano. A nossa torcida tem história de luta e agora também planta esperança. Essa união de coletivos e torcedores é o que faz esse projeto ser tão revolucionário”.

A torcedora ressaltou que o “Corredor Ecológico Corintiano” é mais do que um projeto de reflorestamento, é um grito coletivo por dignidade ambiental na periferia: “Estamos falando de árvores, mas também de qualidade de vida, de combate ao calor extremo, da criação de espaços de convivência e pertencimento para as próximas gerações. Cada muda plantada é um gesto de resistência e amor”.

Por fim, a ativista ambiental destacou a importância do protagonismo popular na transformação urbana: “Vemos os moradores, os coletivos, a galera da arquibancada, todo mundo junto construindo com as próprias mãos. O Corinthians nasceu do povo, e esse projeto também. É por isso que me emociona tanto: é raiz, é verdade, é futuro sendo semeado agora!”

* Jornalista e repórter especial do ***O SÃO PAULO***

As experiências com corredores verdes em 3 cidades do mundo

Daniel Gomes*

Leia a seguir os benefícios já verificados e os projetados por Medellín (Colômbia), Guadalajara (México) e Mumbai (Índia) com a adoção de corredores verdes

Redução de 2ºC na temperatura média em Medellín

Ciudad de Medellín

Depois de passar por intenso processo de urbanização, que incluiu a derrubada de muitas árvores para dar espaço a diferentes construções, Medellín, na Colômbia, iniciou em 2016 um programa de implantação de corredores verdes, em razão das altíssimas temperaturas verificadas na cidade, com alguns bairros sendo verdadeiras ilhas de calor.

Inicialmente, 18 ruas e 12 hidrovias foram escolhidas para o projeto "Muros y Corredores Verdes", por meio do qual houve a arborização de rotas, incluindo o plantio de árvores e arbustos nas calçadas, instalação de jardins verticais, além da manutenção dos cursos d'água e melhor zeladoria dos parques. O começo do projeto foi com o plantio de 120 mil mudas e 12,5 mil árvores nas ruas, praças e parques.

Por meio da política de orçamento participativo, foi a população da cidade quem decidiu que parte dos recursos municipais seriam destinados para tal fim. Os moradores também têm auxiliado na manutenção desses espaços como jardineiros voluntários.

No decorrer dos anos, os resultados apareceram: hoje, a temperatura média de Medellín está 2ºC mais baixa do que no começo do programa, foram atestadas melhorias na qualidade do ar e se verifica o retorno da fauna silvestre ao ambiente urbano, com pássaros, sapos e lagartos, por exemplo.

Além disso, conforme informa a Prefeitura de Medellín em seu *site*, os muros e corredores verdes têm contribuído "para o controle do crescimento urbano em áreas com drenagem do sistema hídrico e em áreas de alto risco" e proporcionam "espaços verdes para recreação passiva nas comunidades e embelezamento paisagístico da cidade".

Ainda de acordo com a Prefeitura, há na cidade uma "conectividade ecológica por meio da implementação de muros e corredores verdes, que compõem uma rede ambiental com árvores, arbustos, palmeiras e telhados... Sua função vai além de uma simples contribuição ornamental; são um aliado fundamental na mitigação das mudanças climáticas... Em áreas da cidade consideradas carentes de espaços públicos verdes, esses corredores e muros verdes regulam a temperatura, absorvem poeira e poluentes, isolam ruídos e capturam dióxido de carbono e outras partículas em suspensão no ar. Tudo isso gera oxigênio limpo e aumenta a biodiversidade".

Até 2028, Medellín deverá ter 800 mil metros quadrados de novas áreas verdes e há um plano para a restauração dos corredores verdes já existentes.

(Com informações de BBC Future e Prefeitura de Medellín)

Ciudad de Guadalajara

Guadalajara, 'a cidade mais verde do México'

Há algumas décadas, Guadalajara adota corredores verdes, mas até 2021 eles não eram mais do que 20. O plano da atual gestão municipal é transformar o município na "cidade mais verde do México" e para tal já está em curso o plantio de 20 mil árvores, das quais 7,3 mil serão parte dos corredores verdes.

Com a meta de "purificação do ar, redução de calor e de poluição sonora", a cidade estabeleceu o Plano de Arborização de 2025, que além do já mencionado plantio, inclui outras sete metas: reflorestar os bairros que mais precisam; consolidar corredores verdes nas principais avenidas; abrir mais de 1,7 mil espaços para plantio de árvores (em meio às calçadas de concreto); manter a boa conservação das árvores; produzir árvores nativas; reutilizar resíduos florestais por meio da criação de cobertura morta; e promover a responsabilidade compartilhada, com os cidadãos adotando árvores para cuidar.

Em um vídeo publicado em junho, a prefeita Verónica Delgadillo García afirmou que a meta de tornar Guadalajara a cidade mais verde do México decorre do fato de que "reconhecemos que estamos vivendo uma emergência climática que demanda cidades mais verdes, mais resilientes e mais sustentáveis".

(Com informações da Prefeitura de Guadalajara)

Uma alternativa para os efeitos da crise climática em Mumbai

Perante os impactos que as inundações e tempestades causam recorrentemente à população de Mumbai, na Índia – uma das cidades mais afetadas pela crise climática global devido à sua localização geográfica –, a Prefeitura tem adotado ações para preservar e expandir as áreas verdes, a fim de também proteger a biodiversidade.

Nesse sentido, milhares de árvores têm sido plantadas nos últimos anos, muitas das quais formando corredores verdes, que proporcionam mais conectividade para a fauna e a flora local, reduzem a poluição atmosférica e sonora, retêm mais água das chuvas e evitam a formação de ilhas de calor na cidade.

Neste ano, a Prefeitura lançou o Projeto da Estrada Costeira de Mumbai, composto de 111 hectares recuperados, dos quais 70 hectares são destinados a um corredor de áreas verdes, jardins, em meio a ciclovias e anfiteatros.

Além das ações do poder público, a ONG RPG Foundation também planeja viabilizar a expansão de corredores verdes a partir dos extremos da cidade, de modo a melhor interligar os parques às diferentes áreas verdes. O plano prevê o cultivo de 169 variedades de árvores nativas ao longo de uma estrada costeira e muitas conexões florestais. Com as medidas, a RPG Foundation projeta que a temperatura média de Mumbai caia em até 2ºC.

(Com informações de Swarajya, Free Press Journal e C40.org)

*Jornalista e redator-chefe do ***O SÃO PAULO***

Brihanmumbai Municipal Corporation